

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TURMAS DE ALFABETIZAÇÃO: A LÍNGUA COMO UM INSTRUMENTO DE ACOLHIMENTO E LIVRE DE EXCLUSÃO

Fabiana Silva de Lira Lima ¹

RESUMO

Pensando a língua como um instrumento de interação entre os falantes, se faz necessário refletir a respeito da variedade linguística que pode existir em espaços coletivos. Tendo a sala de aula como um desses espaços, este trabalho de cunho bibliográfico, busca promover reflexões a respeito da importância em desenvolver desde as turmas dos anos iniciais, um diálogo pautado na valorização e respeito às diferenças linguísticas. Como forma de enriquecer tal discussão alinhada às concepções de Bagno (2007) e (2015) e Bortoni- Ricardo (2004), compreendemos que a diversidade da língua não pode ser motivo de separação ou exclusão, uma vez que, concluímos que tais variedades estão associadas a contextos históricos, sociais e culturais e assim necessitam ser compreendidas, analisadas e respeitadas para que possamos ter um ambiente escolar livre de exclusão, e assim poder contribuir para que a sala de aula seja um espaço onde o aluno se sinta acolhido, de forma que percebemos o quanto esse debate é necessário na formação acadêmica e cidadã dos alunos.

Palavras-chave: Alfabetização, Variação Linguística, Acolhimento.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos a escola como um espaço de interação, devemos pensar também que é neste cenário que podemos encontrar um ambiente onde a diversidade está presente das mais diversas formas, seja por questões relacionadas ao nível cultural, econômico, social, ou até mesmo outros fatores relacionados à idade.

É a partir de tantas diferenças que podemos evidenciar a influência direta desses aspectos no que diz respeito ao uso da língua, uma vez que, a variação linguística está presente no convívio social e, portanto, também no ambiente escolar.

De maneira que, o convívio na sala de aula oferece uma excelente oportunidade para que os professores possam refletir junto aos seus alunos sobre importância de tratar a diversidade linguística como um elo que possa proporcionar aproximação, livre de qualquer preconceito ou exclusão. Esse debate precisa ser iniciado desde cedo, de forma que, nas turmas de alfabetização as crianças já passem a ter contato com um ensino da língua de forma estruturada e que reconhece a variação linguística como algo legítimo e que pode enriquecer os saberes, e, portanto, deve ser valorizada.

¹Mestre em Letras - Profletras - Universidade Federal da Paraíba - UFPB, fabiana.lira2016@gmail.com

A reflexão se faz necessária uma vez que, este estudo se justifica pela necessidade em promover abordagens que possam promover a valorização da diversidade linguística e de saberes já instituídos, e por meio da temática é possível refletir sobre um ensino de língua mais eficiente.

O objetivo geral deste estudo é promover um diálogo pautado na valorização e respeito às variedades linguísticas, e como objetivos específicos: refletir sobre a importância de desenvolver um trabalho voltado para o reconhecimento da variação linguística desde as turmas de alfabetização, abordar discussões sobre o preconceito linguístico e discutir as concepções a respeito da língua com um instrumento de acolhimento que não permite exclusão.

Para alcançar os objetivos traçados, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como recurso metodológico, explorando livros e artigos que abordam a temática em estudo, bem como buscou-se os embasamentos teóricos que enriqueceram a discussão alinhada às concepções de Bagno (2007) e (2015) e Bortoni- Ricardo (2004), entre outros.

METODOLOGIA

Este estudo configura uma pesquisa de cunho bibliográfico referente à temática pesquisada. Importante ressaltar que para Gil (2008, p. 44), pesquisa bibliográfica "...é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Tal afirmação pode ser confirmada e ampliada a partir das concepções de Paiva (2019, p. 60) ao destacar que "a pesquisa bibliográfica utiliza estudos já publicados em livros e artigos acadêmicos, além de informações encontradas em relatórios, *podcasts*, páginas na *web*, *blogs*, vídeos, banco de dados, apresentações digitais, gravações de palestras, folhetos etc."

Partindo desse entendimento, as concepções apresentadas pelos autores, conduziram este estudo a ganhar forma, uma vez que abordou pesquisas em relação à variação linguística sob a perspectiva do respeito e acolhimento em turmas de alfabetização.

REFERENCIAL TEÓRICO

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A língua é um meio que promove a interação entre os falantes, quando a criança começa a fazer parte do ambiente escolar passa a ter contato com o ensino estruturado da língua e ao

longo do tempo a criança inicia esse processo de aquisição dos conhecimentos passando por várias etapas durante a escolarização. Pensando a alfabetização como uma etapa escolar de muitas descobertas, é possível perceber que é um momento propício para promover reflexões sobre o uso da língua e conduzir um ensino de língua materna mais consistente.

Se faz necessário pensar em um ensino de língua materna baseado em reflexões a respeito da língua, que possam levar em consideração a diversidade linguística existente, uma vez que, o espaço escolar é formado por diferenças culturais e socioeconômicas que merecem ser respeitadas e que se levadas em consideração podem contribuir de forma significativa expandindo os conhecimentos dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.25), “Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua (...)”, isso se dá porque, segundo a autora “a variação é inerente à própria comunidade linguística.” De maneira que, sendo a variação inerente à própria comunidade linguística, a escola que é responsável pelo ensino formal em língua materna, não pode ignorar a variação presente no contexto escolar, pois a diversidade que os alunos trazem deve ser reconhecida e respeitada. Conforme a autora (2004, p.25), mesmo sabendo que o grau da variação pode ser maior em espaços menos monitorados, como o lar e ambientes de lazer, mesmo assim a variação linguística vai estar em espaços mais monitorados como a escola e a igreja, e sendo a escola o espaço propício para promover reflexões linguísticas, o ciclo de alfabetização pode acontecer de forma ainda mais enriquecedora ao levar em consideração tais variedades, pois para Bortoni-Ricardo (2005, p.15) “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais formas de dizer a mesma coisa.”

Conforme Bagno (2007, p. 39), “Dizer que a língua apresenta variação significa dizer, mais uma vez, que ela é heterogênea.” O mesmo autor ainda acrescenta que:

(...) a língua na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente **heterogênea**, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma **atividade social**, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala e da escrita. (BAGNO, 2007, P. 36) (Grifos do autor).

Compreendendo as afirmações de Bagno (2007), é possível pensar em uma alfabetização que possa contemplar essa riqueza tão heterogênea que é a língua, partindo de situações reais vivenciadas pelos alunos e de coisas que fazem parte de sua realidade, de

maneira que as situações de aprendizagem se tornem cada vez mais significativas. Corroborando com tais afirmações, Martins, Vieira e Tavares (2022), acrescentam que:

Ao professor, cabe conhecer o perfil das variantes com que lida diariamente nas produções de seus alunos, avaliar sua natureza e orientar os estudantes na busca da adequação dos textos que produzem em relação ao gênero e à situação interacional em que se encontram e no reconhecimento das variantes pouco familiares nos textos que leem e interpretam na sala de aula. (MARTINS, VIEIRA, TAVARES, 2022, p.12-13).

Eis que, se as variações linguísticas estão presentes em todos os lugares e fazem parte da vida de todos os falantes, o professor conduzirá sua prática de maneira mais assertiva, se conhecer as variantes utilizadas por seus alunos, sabendo que, segundo os autores mencionados (2022, p.13-14) mesmo os falantes que dominam variedades cultas, quanto falantes que fazem uso de variedades mais populares, todos farão uso variando quanto ao grau de formalidade, pois até mesmo “a fala praticada por indivíduos com alta escolaridade difere da escrita praticada por esses mesmos indivíduos.” Tal afirmação apenas comprova o fato de que, independentemente de classe social e escolaridade, todos os falantes fazem uso de variação linguística em seu repertório oral, sendo a variação monitorada com mais frequência no momento da escrita, no entanto, é importante refletir que nem sempre a escrita é monitorada, uma vez que se tratando de textos informais é comum o uso de uma linguagem não-padrão e sem monitoramento da escrita.

Importante destacar a afirmação de Bagno (2015), ressaltando que:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português brasileiro e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para planejar suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social. (BAGNO, 2015, p. 33).

O que falta às instituições é justamente esse reconhecimento, para que os alunos passem a se apropriar de sua língua materna sem restrições, sem se sentirem desvalorizados ou marginalizados, sem que a variedade da qual fazem uso seja apontada como um “erro”, ao que Bortoni-Ricardo (2004), afirma que a noção de “erro” nada tem de linguística, estamos apenas diante de diferenças e não de “erros”, tal avaliação está ligada à aspectos socioculturais de uma minoria privilegiada em relação as outras classe sociais. Para a autora (2004, p.9), “os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica.”

De maneira que no processo de alfabetização, é importante que o professor possa tomar conhecimento da diversidade linguística utilizadas por seus alunos, para que possa desenvolver atividades que promovam a reflexão sobre essa diversidade, explorando elementos presentes na própria oralidade dos educandos como forma de desenvolver a consciência fonológica.

Para Bortoni-Ricardo (2004, p.35), (...) “a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental.” Dessa forma, uma alfabetização que possa promover o ensino de língua materna pautada no respeito à diversidade linguística será capaz de extinguir do ambiente escolar qualquer manifestação desrespeitosa e preconceituosa. Toda via, cultivar tais valores e desenvolvê-los no ambiente escolar deve ser uma tarefa permanente de todo educador.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), é tarefa da escola enriquecer o repertório linguístico dos alunos, afirmando que:

(...) cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência comunicativa cada vez mais ampla e diversificada - sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. (Bortoni-Ricardo, 2004, p.9).

Portanto, é no espaço escolar que o aluno deve ter acesso a diversas regras linguísticas, variações diferentes das quais utiliza e dessa forma terá a oportunidade de expandir seu repertório linguístico e sua competência comunicativa, sendo capaz de participar de interações em contextos sociais diversos, mas sem ter a sua variedade desvalorizada. Conforme acrescenta Mollica (1998, p. 17), “Tomar conhecimento dos usos linguísticos, de suas adequações e inadequações, e desenvolvê-los de forma sistemática constituem as pré-condições fundamentais à aquisição e desenvolvimento de uma língua escrita e falada em toda sua plenitude.” Corroborando tais afirmações, Bagno (2015) acrescenta:

A função da escola é em todo e qualquer campo de conhecimento, levar a pessoa a conhecer e dominar coisas que ela não sabe e, no caso específico da língua, conhecer e dominar, antes de mais nada, a leitura e a escrita e, junto com elas, outras formas de falar e de escrever, outras variedades de língua, outros registros. (BAGNO, 2015, p. 35)

Pensando na importância de levar o aluno a conhecer o que ele ainda não sabe, Bagno (2007) apresenta a importância em se desenvolver um trabalho de reeducação sociolinguística, segundo o autor, tal trabalho implica ao professor:

- fazer o/a aluno/a reconhecer que é possuidor/a de plenas capacidades de expressão, de comunicação, isto é, possuidor/a de uma língua plena e funcional, de uma língua que é um instrumento eficaz de interação social e de autoconhecimento individual – em outras palavras, promover a autoestima linguística dos alunos e das alunas, dizer-lhes que **eles sabem português** e que a escola vai ajudar a **desenvolver** ainda mais esse saber;
- levar o/a aluno/a a tomar consciência da **escala de valores** que existe na sociedade com relação aos usos da língua: algumas variedades linguísticas são consideradas

mais “bonitas” e “certas” que outras; alguns sotaques são valorizados, outros são ridicularizados; os usos escritos são mais prestigiados que os usos orais etc. – mas atenção: **tomar consciência não significa aceitar essa situação de discriminação nem submeter-se a ela!**

- garantir o acesso dos alunos e das alunas a **outras formas de falar e de escrever**, isto é, permitir que aprendam e apreendam variantes linguísticas diferentes das que eles/elas já dominam – isso significa **ampliar o repertório comunicativo**, ter à sua disposição um número maior de opções, que poderão ser empregadas de acordo com as necessidades de interação;
- conscientizar o alunado de que a língua é usada como elemento de **promoção social** e também de **repressão e discriminação** – comparar o preconceito linguístico com as outras formas de preconceito que vigoram na sociedade; desconstruir o preconceito linguístico com argumentos bem fundados e alertar os alunos e alunas contra suas próprias práticas de discriminação por meio da linguagem;
- trabalhar para a inserção plena dos alunos e das alunas na cultura letrada, por meio das práticas ininterruptas da escrita e da leitura, isto é, práticas de **letramento** – promover o conhecimento ativo das convenções dos muitos gêneros textuais que circulam na sociedade, sobretudo dos gêneros escritos mais monitorados; promover a formação do leitor literário autônomo;
- promover o reconhecimento da **diversidade linguística** como uma riqueza da nossa cultura, da nossa sociedade, ao lado de outras diversidades culturais e até mesmo da biodiversidade natural – muitos estudiosos falam de uma **ecologia linguística**, em que a diversidade das línguas e das variedades linguísticas deve ser valorizadas e preservada como bem inestimável da espécie humana.

(BAGNO, 2007, p.84 e 85) – Grifos do autor

Importante perceber que os pontos apresentados pelo autor são fundamentais para que os alunos consigam refletir e tomar consciência de que a diversidade linguística passa por aspectos sociais que necessitam ser compreendidos para que possam se respeitados, uma vez que, as variações linguísticas podem provocar julgamentos sociais desnecessários e que podem ser combatidos a partir dessa reeducação sociolinguística apresentada por Bagno (2007). Nesse aspecto os professores podem e devem contribuir de maneira efetiva, pois o autor ainda afirma que a reeducação sociolinguística dos alunos, inevitavelmente, passa pela reeducação sociolinguística do professor, que compreendendo a importância do seu papel nesse processo, vai buscar analisar com maior criticidade os materiais didáticos que se encontram à sua disposição, como também saberá reconhecer as competências linguísticas e comunicativas dos seus alunos para ajudá-los a ampliar e potencializar tais competências. Vale lembrar que o professor alfabetizador deve ser um dos primeiros a investir nesse processo de reeducação

sociolinguística, pois o trabalho com a língua materna desde os anos iniciais deve ser pautado em valores e conhecimentos consistentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a necessidade de se trabalhar o respeito à diversidade linguística presente em sala de aula, como forma de anular qualquer tipo de preconceito linguístico, se faz necessário promover reflexões em relação ao uso da língua e suas variedades em diversos contextos, levando os alunos a refletir que não existe um falar certo e falar errado. Conforme Bortoni-Ricardo (2005) bem coloca, existe a diversidade, a variação, baseadas em construções históricas, sociais e culturais que precisam ser reconhecidas e respeitadas.

É importante destacar que a sala de aula é o espaço propício para debater o tema, por ser um lugar onde se promove excelentes oportunidades para a reflexão e um ensino de língua materna estruturado, um espaço que deve promover o conhecimento e o reconhecimento da variação linguística livre de todo e qualquer tipo de preconceito ou exclusão, mas que proporcione aos alunos o sentimento de pertencimento e acolhimento em relação a diversidade que possam apresentar.

Para levar os alunos a esse entendimento, o professor precisa apresentar situações em contextos diferentes, trabalhando a reeducação sociolinguística como forma de promover reflexões que se tornem significativas e resultem em uma mudança de comportamento de todos que estão inseridos no contexto escolar, uma vez que o conhecimento pode e deve ultrapassar o espaço da sala de aula e assim contribuir com uma postura muito mais acolhedora e respeitosa por parte de todos os envolvidos nesse processo e que poderão se tornar multiplicadores desse conhecimento.

Sendo assim, desenvolver uma alfabetização a partir de práticas de leitura e escrita atreladas às formas diversas de falar, proporcionando o contato com as variedades da língua, se torna uma maneira de promover uma alfabetização aberta à diversidade linguística, capaz de expandir a capacidade comunicativa dos alunos e tornar a aprendizagem cada vez mais comunicativa e significativa.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56^a ed. revisada e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice. **Contribuições da Sociolinguística brasileira para o ensino de português**. In: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). In: Ensino de português e Sociolinguística. 1.ed., 1^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2019.